

PRÁTICAS DE CUIDADO ÀS COMUNIDADES TRADICIONAIS COM FOCO NA SAÚDE INDÍGENA E QUILOMBOLA: IMPLICAÇÕES PARA O CUIDADO DE ENFERMAGEM

Camila Corrêa Sousa Silva¹, Nadiany Chayn Alves², João Paulo Xavier Silva³

INTRODUÇÃO

A enfermagem é uma ciência e arte do cuidado, voltada para a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde em todas as fases da vida. Com o tempo, o cuidado de enfermagem tem se qualificado com base em saberes técnicos, científicos e humanísticos, considerando o indivíduo em sua totalidade: corpo, mente, cultura e contexto social. Segundo Cianciarullo (2003, p. 17), “o cuidado de enfermagem exige uma compreensão ampla do ser humano e de sua inserção no mundo, reconhecendo os aspectos biológicos, psicológicos, sociais e culturais que interferem no processo saúde-doença”.

Quando se trata de comunidades tradicionais, como povos indígenas e quilombolas, o cuidado adquire contornos específicos, pois essas populações possuem formas próprias de entender a saúde e o adoecimento. Mendes et al. (2018) apontam que a atenção à saúde indígena exige uma abordagem que ultrapasse o modelo biomédico, valorizando a pluralidade de saberes e práticas de cura.

Essas comunidades enfrentam maiores vulnerabilidades epidemiológicas, como mortalidade infantil elevada, desnutrição, doenças infecciosas e dificuldades de acesso a serviços de saúde. A precariedade do atendimento, somada ao racismo institucional, reforça as desigualdades estruturais que impactam negativamente sua saúde física e mental.

A relevância deste trabalho se evidencia na busca por uma atuação de enfermagem que dialogue com as práticas tradicionais, promovendo ações práticas como aferição de pressão arterial, glicemia capilar, testagens rápidas e rodas de conversa, aliados à participação em práticas terapêuticas e momentos ritualísticos, fortalecendo a promoção da saúde de forma intercultural e humanizada.

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a importância do cuidado de enfermagem sensível à cultura indígena e quilombola, refletindo sobre práticas que respeitem os saberes tradicionais e proponham estratégias para um cuidado mais humanizado e efetivo.

¹Universidade Regional do Cariri 1, email: camila.correa@urca.br¹

²Universidade Regional do Cariri 1, email: nadiany.chayn@urca.br¹

³Universidade Regional do Cariri, email: joao.silva@urca.br¹

MÉTODO

O presente estudo aborda uma revisão bibliográfica do tipo narrativa, de caráter qualitativo, descritivo e exploratório. Que busca através de artigos científicos, livros e documentos analisar e construir uma intersecção entre os cuidados de enfermagem e os conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e quilombolas. Os dados foram adquiridos na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), utilizando os descritores “Saúde Indígena” e “Quilombolas”. A busca inicial identificou um total de 9.797 artigos, após a aplicação do filtro foram encontrados 47 artigos.

Após isso, utilizaram-se critérios de elegibilidade. Os de inclusão foram: texto disponível, recorte temporal dos últimos 10 anos e língua portuguesa. Os de exclusão foram: textos duplicados, estudos de revisão e aqueles que não se enquadram na temática de interesse. Resultando o total de 4 artigos utilizados nessa revisão.

Na análise de dados foi investigado as principais práticas de cuidado, os desafios enfrentados pelos povos tradicionais no que se refere a saúde pública e acessibilidade, relevância dos conhecimentos curativos desses coletivos, a necessidade de maiores discussões sobre a temática, o fortalecimento de políticas públicas que atendam a essas comunidades de forma significativa e como a enfermagem pode atuar na contribuição de uma saúde mais humanizada e integrativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos artigos selecionados evidenciou que as práticas de cuidado de enfermagem voltadas às comunidades indígenas e quilombolas enfrentam desafios complexos, que vão além das técnicas assistenciais e atravessam dimensões culturais, estruturais e políticas. Conforme Sousa e Caprara (2019), a saúde indígena rompe com as lógicas hegemônicas, exigindo dos profissionais uma nova forma de perceber o cuidado, pautada na escuta, no respeito e na construção de vínculos interculturais.

A predominância do modelo biomédico, centrado em protocolos e saberes científicos ocidentais, tem se mostrado insuficiente para responder às demandas dessas populações. Muitas vezes, esse modelo ignora os modos próprios de viver, adoecer e cuidar presentes entre indígenas e quilombolas, gerando resistências, dificuldades no acesso aos serviços e baixa adesão aos tratamentos convencionais (Mendes et al., 2018). Tais barreiras são intensificadas por práticas institucionais marcadas pelo racismo estrutural e pela invisibilidade das culturas

¹Universidade Regional do Cariri 1, email: camila.correa@urca.br¹

²Universidade Regional do Cariri 1, email: nadiany.chayn@urca.br¹

³Universidade Regional do Cariri, email: joao.silva@urca.br¹

tradicionais nos serviços de saúde.

Frente a esse cenário, o cuidado de enfermagem precisa incorporar uma abordagem ampliada e sensível às especificidades socioculturais desses povos. Isso significa reconhecer que práticas como benzimentos, uso de ervas, escuta comunitária e rituais coletivos são estratégias legítimas de cuidado, que devem ser acolhidas e valorizadas na atuação profissional. A presença ativa e respeitosa da enfermagem nos territórios pode mediar o diálogo entre os saberes tradicionais e o sistema formal de saúde, promovendo um cuidado mais humanizado e eficaz (Sousa & Caprara, 2019; Mendes et al., 2018).

Os estudos de Sousa et al. (2023) e Souza et al. (2023) demonstram que, mesmo diante de obstáculos como escassez de profissionais, acesso precário a exames e falta de recursos financeiros, os povos quilombolas mantêm vivas suas práticas de cuidado, sobretudo no contexto materno-infantil. Nesses espaços, as mulheres exercem papel central como cuidadoras, combinando os conhecimentos populares com o uso seletivo dos serviços de saúde. Para a enfermagem, compreender e integrar essas práticas é essencial para fortalecer a autonomia comunitária e construir um cuidado culturalmente coerente.

As implicações para a prática de enfermagem são profundas. É urgente que os profissionais sejam formados com base em competências que extrapolem a técnica, desenvolvendo habilidades de escuta, negociação cultural e atuação territorializada. O cuidado em comunidades tradicionais não se reduz a procedimentos biomédicos, mas exige sensibilidade, humildade e compromisso político com a justiça social. O reconhecimento das lideranças locais como agentes de saúde e a promoção de espaços de cuidado compartilhado são caminhos que devem ser fortalecidos.

Conforme orientam a Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (Brasil, 2002) e a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra (Brasil, 2009), é dever do Estado e dos profissionais garantir o respeito à diversidade cultural e o acesso equitativo à saúde. O cuidado de enfermagem nessas comunidades deve ser, portanto, uma prática transformadora, que desafia paradigmas, rompe com silenciamentos históricos e contribui para a construção de um SUS plural, intercultural e verdadeiramente inclusivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidencia que o cuidado de enfermagem junto às comunidades indígenas e quilombolas demanda muito mais do que domínio técnico-científico: exige sensibilidade cultural, escuta ativa e reconhecimento dos saberes ancestrais como legítimos e fundamentais para a promoção da saúde. O enfermeiro, nesse contexto, deve assumir uma

¹Universidade Regional do Cariri 1, email: camila.correa@urca.br¹

²Universidade Regional do Cariri 1, email: nadiany.chayn@urca.br¹

³Universidade Regional do Cariri, email: joao.silva@urca.br¹

postura ética e transformadora, capaz de romper com práticas colonizadoras e construir vínculos respeitosos, que fortaleçam a autonomia e a identidade desses povos. As experiências analisadas mostram que o cuidado só se torna integral quando incorpora práticas tradicionais, promove o diálogo entre saberes e respeita os modos de viver e curar dessas comunidades.

Apesar de avanços institucionais com políticas públicas específicas, a realidade ainda é marcada por desigualdades históricas e racismo estrutural. A precariedade dos serviços de saúde nas comunidades tradicionais e a escassez de profissionais preparados para atuar de forma intercultural comprometem a efetividade do cuidado. Além disso, a literatura científica carece de estudos aprofundados sobre práticas de enfermagem voltadas a esses grupos, o que evidencia uma negligência epistêmica e a urgência de repensar a produção de conhecimento na saúde coletiva com base em justiça social e equidade.

Este trabalho, mesmo com suas limitações, como o número reduzido de publicações específicas e a ausência de pesquisa de campo, contribui para lançar luz sobre uma temática invisibilizada. Reforça-se, portanto, a necessidade de investir em formações que desenvolvam competências culturais nos profissionais de saúde e em pesquisas participativas que envolvam as comunidades na construção do saber. O fortalecimento do cuidado de enfermagem intercultural não é apenas uma resposta técnica, mas um compromisso ético com a diversidade, a dignidade e o bem viver dos povos tradicionais do Brasil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Saúde Indígena. **Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas.** Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_saude_indigena.pdf Acesso em: 22 abr. 2025

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral da População Negra: princípios, diretrizes e estratégias.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_populacao_negra.pdf Acesso em: 22 abr. 2025

MENDES, A. M.; LEITE, M. S.; LANGDON, E. J.; GRISOTTI, M. O desafio da atenção primária na saúde indígena no Brasil. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, e184, 2018. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.184>

PEDRANA, L. et al. Análise crítica da interculturalidade na **Política Nacional de Atenção às Populações Indígenas no Brasil.** **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, e178, 2018. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.178>

¹Universidade Regional do Cariri 1, email: camila.correa@urca.br¹

²Universidade Regional do Cariri 1, email: nadiany.chayn@urca.br¹

³Universidade Regional do Cariri, email: joao.silva@urca.br¹

SANDES, L. F. F. et al. Atenção primária à saúde de indígenas sul-americanos: revisão integrativa da literatura. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 42, e163, 2018. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2018.163>

SOUSA, M. L. T.; CAPRARA, A. Saúde indígena potyguara: por outras configurações políticas e estéticas na Saúde Coletiva. **Revista Estudos Feministas**, v. 29, n. 2, 2019. <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290210>

SOUSA, R. F. de et al. Condições de saúde e relação com os serviços de saúde na perspectiva de pessoas de quilombo. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 27, e20220166, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1421441> Acesso em: 22 abr. 2025

SOUZA, L. N. de et al. Práticas de cuidado em saúde com crianças quilombolas: percepção dos cuidadores. **Escola Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 27, e20220166, 2023. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1421446> Acesso em: 22 abr. 2025

¹Universidade Regional do Cariri I, email: camila.correa@urca.br¹

²Universidade Regional do Cariri I, email: nadiany.chayn@urca.br¹

³Universidade Regional do Cariri, email: joao.silva@urca.br¹